



Sociedade

Por Iratua Freitas

iratua@gmail.com iranoinst

Solenidade de Posse: Nova Gestão da AFBNB assume o triênio 2026-2028

Na última sexta-feira (6), o BNB Clube foi palco da posse solene da gestão "A AFBNB firme e pela base". O evento reuniu parceiros estratégicos, entidades sindicais, movimentos sociais e representantes da base para celebrar o início do novo ciclo administrativo da Associação. Em seu discurso de posse, a diretora-presidente Rita Josina reafirmou o compromisso central da entidade com os trabalhadores. "Nossa missão é representar com vigor nossos mais de 5 mil associados, entre ativos e aposentados. Não esqueçamos, em nenhum momento, o propósito de nossa tarefa: dar voz às demandas e urgências daqueles que constroem a riqueza da nossa sociedade", declarou. Rita destacou ainda que o nome da chapa reflete a essência do grupo: um compromisso irrestrito com as causas coletivas, a valorização dos trabalhadores do BNB e a defesa ferrenha do Banco do Nordeste e do FNE como pilares do desenvolvimento e do combate às desigualdades regionais. Homagens e Cultura A noite também foi marcada pela gratidão. Os ex-diretores Stéfani Arruda, Gilberto Feitosa e José Carlos Araújo Cabral (in memoriam) foram homenageados pela dedicação à gestão anterior. A celebração foi encerrada com apresentações culturais do grupo Maracatu Solar e dos cantores Gildomar Marinho e Flávia.



Gestão A AFBNB firme e Pela Base - Diretoria e Conselho Fiscal



José Ferreira e Miguel Nóbrega (AABNB) prestigiam a posse de Rita Josina (AFBNB)



Homenagem aos diretores Gilberto Mendes e Stéfani Arruda, na foto com Vênus Andrade e Rita Josina



Antônio Nogueira, Rita Josina, Suenize Limaverde, Agenor Trindade (Pres. Camed) e Henrique Tinoco (Capef)



Rodolfo Costa, coordenador geral do Sind. dos Bancários do Maranhão



Daniel Holanda (BNB) prestigiou a posse da nova gestão da AFBNB



Rita Josina e Mauricio Lima (presidente do BNB Clube)



Antônio Galindo, Paulo Afonso e Norma Rebouças formaram a Comissão eleitoral



Rita Josina, Dorival de Lima e Marta Barbosa (O Estado)



Andréia Sabina, pres. da Federação dos Bancários Bahia e Sergipe

GERAL

Entre cafés e conversas: a calçada é ponto de encontro em vários bairros de Fortaleza

O hábito de sentar na calçada preserva vínculos, memória afetiva e formas tradicionais de convivência

Sentar na calçada segue sendo um hábito presente em diversos bairros de Fortaleza e da Região Metropolitana. Mais do que uma prática do dia a dia, o costume transforma a rua em extensão da casa, fortalece vínculos entre vizinhos e resiste às mudanças impostas pelo ritmo acelerado da vida urbana e pelo avanço do isolamento social.

Em bairros tradicionais da capital cearense, a cena ainda se repete ao fim da tarde: cadeiras dispostas na calçada, café compartilhado, conversas sem pressa e crianças brincando pela rua. O hábito de sentar na calçada permanece vivo como uma das expressões mais simples e simbólicas da convivência comunitária em Fortaleza.



Sentar na calçada segue sendo espaço de encontro e convivência no Jardim das Oliveiras

ainda que por alguns momentos, das mídias sociais." Além das conversas informais, o espaço também abriga encontros religiosos, como a reza do terço às quintas-feiras, fortalecendo os laços comunitários e o sentimento de pertencimento ao bairro.

Costume que não atravessa todas as cidades

A permanência do hábito em bairros de Fortaleza contrasta com a realidade de grandes metrópoles. Aline Lima, que morou em Maracanaú, na Região Metropolitana, e hoje vive em São Paulo, relata sentir falta dessa vivência coletiva.

"Não existe essa cultura aqui. A gente não vê ninguém

na calçada, independente do horário", afirma. As lembranças estão ligadas principalmente aos fins de semana em família. "Eu adorava ficar com a minha vó, com a minha mãe, com meus primos, conversando, rindo, sem ver o tempo passar. Fazia uma tapiquinha no fim da tarde, com café com leite."

Para Aline, a calçada era um espaço de descanso e desconexão. "Era um ponto de encontro, de conversa, de desligar o celular. Pra mim, sentar na calçada tem gosto de família, de amizade e de casa", resume.

Para Daianny Freire, profissional de marketing, chegar à casa da mãe no bairro Santa Maria depois do trabalho e sentar na calçada fun-

ciona como uma pausa na rotina. "Ali a gente se atualiza sobre os acontecimentos do bairro e da família, solta o peso do dia e deixa o tempo correr um pouco mais devagar. A calçada vira mesa, o café vira convite e a conversa acontece sem pressa."

"Esse hábito vem da minha infância e faz parte da identidade da rua e do bairro. A calçada sempre foi um ponto de encontro sem hora marcada, onde as histórias se cruzam e os vínculos se fortalecem. É um costume simples que atravessa o tempo e continua vivo na memória e no cotidiano", completa.

O olhar sociológico sobre o costume

Para o sociólogo Blesser

Moreno, mestre em Avaliação de Políticas Públicas, o hábito pode ser compreendido a partir da teoria do processo civilizador, do sociólogo Norbert Elias, que analisa a evolução dos costumes humanos ao longo do tempo.

"Elias aponta que a história dos costumes caminha para uma crescente privatização da vida. Aquilo que antes era vivido coletivamente passa a ser empurrado para dentro das casas, enquanto a rua se torna apenas espaço de passagem", explica.

Nesse contexto, o costume de sentar na calçada revela uma resistência. "Em Fortaleza, esse hábito mostra que a sociabilidade ainda não aceita uma separação absoluta entre o público e o privado. Revela

uma sociedade onde a interdependência entre as pessoas ainda é visível e cotidiana."

Blesser destaca que fatores como o clima, a cultura nordestina e a arquitetura das casas contribuem para a permanência da prática. "A busca por ventilação, sombra e espaços abertos acaba fortalecendo uma sociabilidade mais aberta. A calçada funciona como uma sala de estar a céu aberto."

O significado do costume também varia conforme o território. "Nas classes mais altas, há maior distanciamento físico, muros altos e barreiras visuais. Já nos bairros populares e tradicionais, a calçada é o palco principal da vida social", analisa.

Apesar de reconhecer que o hábito vem perdendo força ao longo dos anos, o sociólogo avalia que ele persiste por atender a uma necessidade humana fundamental. "A modernidade reprime o pertencimento. A calçada resiste porque oferece interação espontânea, sem formalismos. É o encontro pelo encontro."

Entre cafés improvisados, rodas de conversa e encontros sem hora marcada, sentar na calçada continua sendo, em muitos bairros de Fortaleza, um gesto simples que sustenta laços, memória de famílias.

Por Priscila Sampaio

MAIS CONTEÚDO ACESSE www.estaodoce.com.br



No bairro Santa Maria, calçada se transforma em extensão da casa e ponto de reunião entre vizinhos